

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA**

Maria Izabel da Silva

**CRECHE: espaço educativo ou assistencial? Uma reflexão a partir da Teoria Histórico-
Cultural**

**PARANAÍBA, MS
2016**

Maria Izabel da Silva

CRECHE: espaço educativo ou assistencial? Uma reflexão a partir da Teoria Histórico-Cultural

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para Conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Silvia Rosa Santana

PARANAÍBA, MS
2016

S581c Silva, Maria Izabel
Creche: espaço educativo ou assistencial? Uma reflexão a partir da teoria histórico-cultural/ Maria Izabel Silva. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.
35f.; 30 cm.

Orientadora: Profa Dra Maria Silvia Rosa Santana.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de
Paranaíba.

1. Teoria histórico-cultural. 2. Instituto Loczy. I. Silva, Maria Izabel.
II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba,
Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD – 372

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

MARIA IZABEL DA SILVA

CRECHE: espaço educativo ou assistencial? Uma reflexão a partir da Teoria Histórico-Cultural

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovada em...../...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Maria Silvia Rosa Santana (Orientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof^a. Me. Andréia Lemos de Oliveira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof^a. Me. Raquel Marques Ribeiro dos Santos
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

Durante, todo esse tempo que estive na universidade pude contar minha família e muitos amigos, que estiveram ao meu lado. A jornada foi longa e que sem apoio deles esse trabalho de conclusão de curso não seria possível.

Em primeiro lugar agradeço meus professores, Maria Silvia Rosa Santana, Gabriela Massuia Motta, Milka Helena Carrilho Slavez, Fernando Luís Oliveira Athayde Paes, Andréia Lemos de Oliveira, Lucélia Tavares Guimarães e todos os outros que não foram citados nesse trabalho que se dispuseram com todos seus conhecimentos a me ensinar a ser uma pessoa melhor e ser um ser humano pensante e crítico.

Aos meus colegas de sala que também contribuíram com o meu aprendizado.

A minha família, principalmente minha Irma Rosa quem mais me incentivou, e a meus filhos Lavínia, Rogaciano Jr, e neto Marco Antônio.

Aos meus amigos que me deram carona, Ana Maria, Antônio Marcos, Paulo Henrique, Eduardo, Mateus, Bruna Luiza, Cristan Mara, Maria Sousa, e muitos mais a Neuzira Couto que foi uma grande incentivadora para que eu voltasse a estudar.

A minha amiga Tatiele Borges, sem ela esse trabalho não seria possível.

Agradeço as duas convidadas da banca, Andréia Lemos de Oliveira e Raquel Marques Ribeiro dos Santos.

A minha orientadora e professora Maria Silva Rosa Santana obrigada por confiar que eu seria capaz de concluir esse trabalho.

*A alegria não chega apenas no encontro do
achado, mas faz parte do processo da busca. E
ensinar e aprender não pode dar-se fora da
procura, fora da boniteza e da alegria*

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa desenvolvida a partir da experiência de LOCZY, a formação de professores e outros profissionais que atuam na creche, e a organização dos espaços e de como esses espaços são organizados para atender, crianças de zero a dois anos dentro da perspectiva da Teoria Histórico-Cultural via as possibilidades na educação das crianças pequenas. O objetivo geral da pesquisa visa realizar a revisão bibliográfica para compreender, por meio dos estudos teóricos, como ocorre o desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos, faixa etária que caracteriza o berçário, a partir da Teoria Histórico-Cultural, a fim de compreender a importância do desenvolvimento das atividades pedagógicas realizadas nesse espaço educacional. Objetivo da pesquisa foi também suprir minhas necessidades como monitora e estudante do curso de pedagogia que me fez entender que o cuidar e o educar estão juntos, são as pessoas envolvidas que os separa, as dificuldades de professoras em relacionar cuidar e educar, compreendendo os distanciamentos e aproximações desse impasse com olhar dos professores, e sobre a formação desses professores voltados para educação infantil, principalmente na educação dos bebês. A pesquisa realizou-se por meio de um levantamento bibliográfico, com autores que abordam o desenvolvimento infantil de acordo com a Teoria Histórico Cultural. A realização desse trabalho me possibilitou fazer uma revisão bibliográfica, a fim de compreender, por meio dos estudos teóricos, como ocorre o desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos, caracterizando o berçário, e a atuação dos profissionais que atuam nesse espaço educacional.

Palavras-chave: Desenvolvimento do Bebês. Teoria Histórico-Cultural. Instituto Loczy.

ABSTRACT

This work aims to present results of a research developed from the experience of LOCZY, the training of teachers and other professionals who work in the day care center, and the organization of spaces and how these spaces are organized to attend, children from zero to two Years within the perspective of Historical-Cultural Theory saw the possibilities in the education of the small children. The general objective of the research is to carry out the bibliographic review to understand, through the theoretical studies, how the development of the child of 0 to 2 years, age group that characterizes the nursery, from the Historical-Cultural Theory occurs, in order to understand the importance of the development of the pedagogical activities carried out in this educational space. The purpose of the research was also to meet my needs as a teacher and student of the pedagogy course that made me understand that caring and educating are together, the people involved that separate them, the difficulties of teachers in relating care and education, understanding distances And the approximation of this impasse with teachers' perspective, and on the training of these teachers focused on early childhood education, especially in the education of infants. The research was carried out by means of a bibliographical survey, with authors that approach the development of children according to the Cultural Historical Theory. The realization of this work enabled me to make a bibliographical review in order to understand, through theoretical studies, how the development of the child from 0 to 2 years, characterizing the nursery, and the performance of the professionals that work in this educational space occurs.

Key -words: Caring and Educating. Teacher training. Development of Babies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 INSTITUTO LÓCZY: educação potencializadora do desenvolvimento dos bebês	12
2 EDUCAÇÃO NO BERCÁRIO: foco na formação dos profissionais	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Há três anos, quando iniciei como monitora em uma creche onde estão matriculadas crianças de zero a seis anos, passei a ter convívio com crianças, professores, educadoras e demais funcionários, em uma rotina educativa diferente da que tinha na faculdade e isso foi me aguçando o interesse em descobrir mais sobre esse ambiente, onde se espera que seja oferecida a essas crianças uma educação de qualidade. Mas o que é educação de qualidade?

A Teoria Histórico-Cultural vê o ser humano como produto da história, formado por meio da apropriação da cultura. Assim, o ser humano formou-se por meio de gestos, objetos, valores, linguagem, hábitos e costumes. Criamos características e qualidades humanas. O ser humano só se torna humano quando se apropria da cultura que lhe é oferecida pela família e a sociedade em geral. O processo de humanização é um processo de educação e é responsabilidade desse processo educativo organizar e dar condições adequadas para oferecer o máximo de apropriações de qualidade humanizadoras às gerações que estão por vir. (MELLO, 2007).

Portanto, quando a criança nasce ela não traz consigo nenhuma herança biológica ou genética. Esse bebê só vai se tornar humano em contato com a cultura, quando esse bebê tem acesso a tudo que lhe é oferecido por meio da cultura e da história, com atividades adequadas, por isso é preciso aperfeiçoar os conteúdos e métodos educativos em cada idade. Esses métodos têm que ser intencional e provocado pelo adulto, especialmente pelo professor que é o mediador promovendo atividades coletivas para o bebê e as crianças de até seis anos. No caso dos bebês é ainda mais importante, pois estão no começo do desenvolvimento e requerem mais atenção por parte dos educadores. (MELLO, 2007).

O mundo dos bebês é muito interessante, a capacidade deles de aprender é grande, com estímulo adequado o desenvolvimento é rápido. Ao não compreender como ocorre esse desenvolvimento, muitos educadores têm a impressão de que os bebês não aprendem muito, porque eles se dispersam rápido em todas as atividades propostas a eles pelo professor, seja na hora de contar histórias ou até com os brinquedos pedagógicos.

Mas ao estudar a Teoria Histórico-Cultural compreendi que os bebês e todas as crianças aprendem de qualquer forma, a partir de tudo o que oferecemos a elas, até quando quebram os brinquedos e rasgam os cartazes expostos na parede. Portanto, a educação de qualidade depende da diversidade de cultura que se oferece à criança.

Ao observar que essa educação de qualidade não lhes era devidamente oferecida, me despertou para um grave problema a ser pesquisado: Até que ponto a estrutura física da creche pode interferir no desenvolvimento da criança? Foi quando comecei a pesquisar e estudar sobre o assunto e descobri que cada vez mais professores e pesquisadores buscam conhecer sobre esse período de desenvolvimento da criança.

A minha primeira experiência com criança foi no berçário, como monitora. Mesmo com pouca experiência, já de início pude observar a problemática falta de espaço, a inexperiência dos funcionários e também a dificuldade dos pais em entender as limitações do trabalho ali realizado, principalmente do espaço que tínhamos para cuidar das crianças. Quando comecei esta pesquisa, o Centro de Educação Infantil (CEINF) em que trabalhava funcionava em outro prédio, então as condições eram bem mais precárias, por isso oferecer essa educação de qualidade era praticamente impossível. Para que os bebês tivessem educação de qualidade teria que haver um espaço adequado, salas mais amplas, com objetos expostos para que os bebês se desenvolvessem com mais liberdade.

A Dra. Judit Falk, organizadora do livro **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**, juntamente com Emmi Pikler, relata uma experiência que “[...] no contexto específico de uma instituição destinada a crianças órfãs, recupera-se sua condição humana como sujeito de emoções, de movimento, interações” (FALK, 2011, p. 9). A partir dessa ideia, é nesse contexto que foi desenvolvido um projeto de pesquisa pelas autoras citadas acima, onde foram feitas adaptações no ambiente do orfanato para alterar as relações entre os adultos e as crianças, mudando inclusive todo o ambiente que as crianças frequentavam para que a pesquisa obtivesse um bom resultado.

Este livro, **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy** traz pesquisas importantes sobre o desenvolvimento da criança em seus primeiros anos de vida, pesquisas estas que desenvolvem não só o educar, mas também o cuidar de uma criança na idade de 0 a 3 anos, buscando oferecer cuidado e educação de qualidade como um desafio a ser vencido e que faz com o presente livro seja um grande aliado com relação à comunicação entre as pessoas e à organização do espaço, onde há o desenvolvimento da atividade pedagógica, de forma a promover a autonomia dos bebês e a participação da criança na escola.

Durante a pesquisa realizada pela Dra Judit Falk (2011) foi criado um procedimento para a observação e o reconhecimento das possibilidades e necessidades de desenvolvimento das crianças de 0 a 3 anos, buscando sempre as melhores condições de bem-estar físico e psíquico das crianças (FALK, 2011). A proposta pretendia discutir qual seria a melhor forma

de fazer com que as crianças pudessem ter educação de qualidade, alimentação e lazer nos seus primeiros anos de vida. Portanto, oferece um suporte para uma educação humanizadora.

As instituições conhecidas como creche foram criadas e oferecidas às crianças gratuitamente enquanto os pais iam trabalhar. Se antes, quando a creche foi criada com a intenção de que os pais pudessem deixar seus filhos enquanto trabalhavam, novas leis surgiram para que as crianças pudessem ter seus direitos de educação garantidos. Então a creche passou a ser direito de toda criança, os pais estando no trabalho ou não. (AZEVEDO, 2013).

Desta forma, só o ato de assistência que é oferecido a essas crianças não garante a atenção necessária para criar os pré-requisitos básicos para seu desenvolvimento, para que a criança possa ter um processo mais humanizador de desenvolvimento. “As instituições de educação infantil são um lugar onde se devem ter ações educativas para que as crianças se sintam bem, em um ambiente saudável e agradável”. (MERÉSSE, 1997, p.761).

Para que esse processo de humanização seja concretizado, é necessário que as creches tenham espaço físico adequado, priorizando em primeiro lugar o direito que a criança tem em ter acesso à educação e cultura. Esse bem-estar deve ser proporcionado de acordo com a capacitação e estrutura de cada creche, mas não é o que acontece nessas instituições, tanto públicas quanto particulares: elas não têm suporte para atender tantas crianças, que acabam ficando amontoadas em espaços pequenos, passando o dia todo sem direito ao lazer educativo, tornando-se a escola um espaço inadequado onde as crianças não sentem prazer em voltar devido às condições em que se encontra a creche.

De acordo com Mello (2007), ter a educação como processo de humanização significa direcioná-la a realizar práticas educativas que levam as crianças à máxima apropriação da cultura produzida historicamente pela humanidade, sendo de extrema importância desde o trabalho nas creches.

Diante dessas especificações, exponho a seguinte questão norteadora da pesquisa, sendo: Qual a influência da estrutura física de uma creche para o desenvolvimento da criança pequena?

O objetivo geral da pesquisa visa realizar a revisão bibliográfica para compreender, por meio dos estudos teóricos, como ocorre o desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos, faixa etária que caracteriza o berçário, a partir da Teoria Histórico-Cultural, a fim de compreender a importância do desenvolvimento das atividades pedagógicas realizadas nesse espaço educacional.

A partir desse objetivo geral, temos como objetivos específicos: descrever e analisar a experiência do Instituto Lóczy, a fim de compreender as possibilidades educacionais com bebês lá propostas em relação com os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural; compreender a formação de educadores voltados ao trabalho com o berçário, a fim de instrumentalizá-los à função de cuidar e educar as crianças dessa faixa etária.

– A metodologia será realizada por meio de um levantamento bibliográfico, com autores que abordam o desenvolvimento infantil de acordo com a Teoria-Histórico Cultural.

Pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Desta forma, pretende-se alcançar os objetivos propostos e contribuir para minha formação como educadora, e também com outros pesquisadores.

Na primeira seção, discutimos sobre a Educação e o desenvolvimento dos bebês, considerando os aspectos do Instituto Lóczy para a formação e a aprendizagem desde o nascimento.

Na segunda seção, tratamos da formação dos profissionais que atuam na Educação Infantil e a diferença do cuidar e Educar.

Nas considerações finais, retomamos o objetivo geral da pesquisa e refletimos sobre as aprendizagens que foram possíveis a partir dela. Apontamos ainda para futuras pesquisas que podem ser realizadas, considerando as transformações que a educação dos bebês exige.

1 INSTITUTO LÓCZY: educação potencializadora do desenvolvimento dos bebês

Do ponto de vista teórico, e os resultados de pesquisas realizadas referente ao desenvolvimento dos bebês, enfatizam que os bebês aprendem desde que nascem, especialmente com as condições adequadas de vida e de educação.

Os bebês aprendem com a família em casa desde quando a mãe faz a primeira mamada para o bebê, e assim já está sendo educado, pois a mamada é o momento que a mãe tem para sentir o seu filho, sendo um momento cheio de ternura, de proximidade entre mãe e filho e é claro, tem que haver toda uma preparação para esse momento: a mãe tem que estar sentada confortável, com as costas apoiadas para não sentir dores na coluna, pois qualquer desconforto atrapalha o momento da mamada, assim como o bebê, que tem que estar apoiado na altura certa para que ele também se sinta bem, tornando o momento prazeroso. A amamentação, sem dúvida, é um momento de amor, de carinho, entre mãe e filho, laços familiares sendo construídos. Nesse momento não é só a fome do bebê que está sendo suprida, mas todo um processo de aprendizado social. O bebê começa a ser humanizado através das mamadas e tem seu primeiro contato com a cultura. Desta forma, quando é bem alimentada organicamente e culturalmente, o desenvolvimento da criança será maior, por isso a preocupação com os espaços adequados, começando na hora da mamada. (PINO, 2005).

Portanto, para a Teoria Histórico-Cultural a família tem grande participação na educação da criança desde bebê, pois o primeiro contato da criança com a educação começa em casa, no meio familiar. (PINO, 2005).

Segundo Pino (2005), na infância, a apropriação das máximas possibilidades humanas ocorre em processos mediados por uma pessoa mais experiente. Em casa, essa pessoa será o pai, a mãe e irmão mais velho. Na escola, serão os educadores de seu entorno, dentre os quais o professor.

A Teoria Histórico-Cultural explica que toda criança aprende a ser humano e que isso somente ocorre conforme ela vai se apropriando da cultura em que vive nas relações sociais que mantém com os outros. Por isso, aos bebês, desde quando nascem, têm que ser oferecido condições para que se desenvolvam dentro dessa cultura e adquiram o máximo de humanidade. Porque ao nascer eles possuem todas as condições para o desenvolvimento, mas este somente ocorre por meio da educação. Por isso, para o desenvolvimento psíquico dos bebês, que é o que os torna humanos, é preciso que eles se apropriem dos conhecimentos e da experiência que a sociedade oferece. Esse processo pode ser tanto com a família, quanto na

escola, ou instituições para crianças de 0 a 6 anos, mas o processo de mediação e os conteúdos da aprendizagem acontecem de forma diferente em cada uma dessas instâncias. (PINO, 2005).

Assim, nessa perspectiva, ao descrever os resultados alcançados com a organização do Instituto Lóczy, no prefácio do referido livro, (MELLO, 2010) explica que: "As práticas discutidas neste livro revelam a especificidade e a capacidade de o bebê agir de forma autônoma sobre o meio e, dessa forma, provoca uma importante reflexão sobre a concepção de criança que tem orientado nosso pensar e agir docente". (MELLO, 2010, p. 6) Nesse sentido essa só reforça que a concepção de criança como ser encapas e que não faça parte da cultura do adulto.

O instituto Lóczy foi fundado em 1946, por Emmi Pikler, na capital da Hungria, Budapeste. Era uma casa que acolhia crianças órfãs, e hoje o instituto, que desde 1986 recebe o nome de "Instituto Emmi Pikler", é usado como referência cada vez mais por pesquisadores que buscam conhecimentos inovadores sobre como educar bebês e crianças de até 6 anos. Emmi Pikler teve formação em medicina, com licenciatura em pediatria. Como médica, a Dra Pikler já possuía uma concepção diferenciada de desenvolvimento infantil, defendia que a criança que possuía liberdade de movimentos se machucava menos e, quando doente, se recuperava mais rápido. Defendia que "[...] a um bebê ou uma criança pequena se havia de examinar ou aplicar mesmo o tratamento mais desagradável, sem fazê-la chorar e tocando-a com gestos delicados, com compaixão, considerando que nas mãos se tinha uma criança com vida, sensível e receptiva". (FALK, 2011, p. 17).

A fim de melhor compreender as práticas educativas capazes de desenvolver o bebê dessa maneira, optamos por apresentar análises de vídeos que foram elaborados a partir do livro "Educar na primeira Infância – Instituto LÓCZY", que estão disponíveis no Youtube¹. Ao fazer isso, pudemos observar o quanto que os espaços são essenciais para o desenvolvimento dos bebês e de como eles podem aprender a agir de forma autônoma, por isso nas salas não pode haver nenhum tipo de objetos que impeçam as crianças de se sentirem livres, ou seja, os objetos que estão na sala são apenas brinquedos que auxiliam no processo de desenvolvimento dessa criança. (PINO, 2005).

É importante que as instituições não se preocupem apenas com a parte interna e sim também com o que acontece além dos portões e paredes dessas instituições, ao contrário seus

¹"EL INSTITUTO LOCZY" Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jjqjauDD7kA>> Acesso em: 10 maio 2016.

"MOVESE EN LIBERTAD" Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YAVLccZRqs8>> Acesso em: 10 maio 2016.

objetivo serão em vão (PINO, 2005). De acordo com o autor: deve-se considerar também a educação da família, porque é na família que o bebê tem seus primeiros ensinamentos.

[...] ser humano é considerado o mais indefeso dos mamíferos uma criança que ao nascer, não tem condições de sobreviver sozinha. A partir de seu nascimento, a criança é inserida num mundo onde deve relacionar-se com outro para aprender. Assim, inicia-se um processo de educação. Existem necessidades, tanto da criança quanto do outro (pais, familiares), de estabelecer vínculos sociais por meio da comunicação (como é o caso do choro, do movimento do bebê). (PINO, 2005, p.24),

Diante dessas especificações, Mukhina (1996, p76.), aborda que:

[...] a criança, diferente do filhote de animal, tem reflexos não condicionados que não asseguram o comportamento humano. Ao contrário, o conjunto de reflexos não condicionados do filhote de animal assegura a formação de um adulto capaz de se defender, de atacar, de caçar, de procriar e ter outras reações que asseguram a existência normal desse animal.

A única relação do bebê com o filhote de animal e o instinto, na hora da amamentação, pois, a fome faz com que eles se igualem como animais, somente ao nascer, o bebê tem a capacidade de se adaptar a novas condições e tem facilidades de assimilar as novas experiências comportamento esse que o caracteriza como homem.

Segundo os autores Pino (2005) e Mukhina (1996), a criança deve adaptar-se a novas condições para que seu desenvolvimento seja completo, por isso é necessário que o adulto interfira nesse processo, uma vez que é por meio do adulto que esse bebê será inserido na sociedade e aprenderá a ter um comportamento humano. O bebê, desde quando nasce, aprende a se comunicar através do choro, na medida em que o adulto atende às suas necessidades, e é com esse movimento do bebê que o adulto tenta descobrir as suas necessidades básicas, se está com fome, se está precisando tomar banho, quando está doente, etc.

E ainda, de acordo com Mukhina (1996, p. 82).

A vida da criança depende inteiramente do adulto. O adulto satisfaz suas necessidades orgânicas: do alimento, banho, acomoda-a no berço. O adulto também satisfaz a crescente necessidade da criança em diversas impressões: é notável como o bebê se anima quando o pegam no colo.

É desse modo que o adulto faz gerar na criança necessidades que vão além das necessidades orgânicas, que são necessidades culturais, de comunicação, que somente na relação social pode ser desencadeada.

Ainda nesse contexto, Mello (2010) relata que o ser humano é, nesse sentido, produto do momento histórico que vive, do entorno, da cultura de que participa. As experiências vividas pela pessoa impulsionam o seu desenvolvimento e sem ela não há desenvolvimento humano. Este desenvolvimento humano é, assim, cultural e social. O que a natureza lhe provê no nascimento é condição necessária, mas não basta para mover seu desenvolvimento. É preciso se apropriar da experiência humana criada e acumulada ao longo da história da sociedade.

Segundo Falk (2011), para a criança se sentir bem ela tem que estar livre, os brinquedos têm que estar organizados de forma que a criança possa pegar sem a ajuda de um adulto. Essa nova forma de educar tem como objetivo o processo de humanização, a criança presa em roupas, berços ou cadeirinhas que limitam os movimentos, não vai aprender a se desenvolver adequadamente.

Desse modo o

[...] reconhecimento das possibilidades e das necessidades de desenvolvimento das crianças de 0 a 3 anos buscando sempre as melhores condições de bem-estar físico e psíquico das crianças, contribuindo para a formação do professor no processo de humanização na primeira infância. (FALK, 2011, p. 6).

Em um dos vídeos analisados, pudemos observar como as salas eram organizadas e quais objetos foram usados. A sala é espaçosa, quadrada, o piso é de madeira para que a criança não escorregue, para não se machucar e, sendo de madeira, não é tão frio quanto o piso de cerâmica, pois a criança sentiria muito frio, porém todas as crianças estavam agasalhadas, devido às características climáticas do local, com macacões que facilitam os movimentos e estavam de meias nos pés, sem sapatos. (FALK, 2011).

A dra. Judit Falk (2011) sempre defendeu a ideia de que a criança tem que ficar livre para locomover-se, tomar suas próprias decisões, porém têm que ser oferecidas as condições para esse seu desenvolvimento. Às vezes a criança está agitada, chorando, não sabemos o que elas querem, e ficamos tentando adivinhar o motivo de tanta irritação. Precisamos nos comunicar com ela, verificar o ambiente e ver o que está faltando e se os brinquedos estão em seu alcance, se não está com frio, se está alimentada, verificar se não está precisando do banho. Geralmente, na creche, as crianças choram muito, principalmente na fase de adaptação, devido a falta da família e também porque estão entre pessoas desconhecidas e até que se acostumem com suas monitoras demora uns três dias para adaptação, por isso se for possível manter as mesmas pessoas, confunde menos as crianças. (FALK, 2011).

Dessa forma,

Os bebês de 3 a 4 meses somente ficavam nos berços enquanto dormiam ou repousavam. Quando estavam despertos, encontravam-se no local comum de jogos, na sala ou ao ar livre, no parque ou na área coberta, ou estavam rodeados de objetos simples, porém variados, com os quais podiam brincar de maneira autônoma, sem ajuda nem intervenção dos adultos. (FALK, 2011, p. 25).

O objetivo dessa prática é deixar que os bebês fiquem livres para se desenvolver naturalmente em um ambiente que não fosse a sala ou no berçário. Quando está fora da sala, a oportunidade de a criança visualizar outro ambiente, com outras características e com outras crianças é fundamental para o seu desenvolvimento. (FALK, 2011).

Nos vídeos que assistimos para análise, os brinquedos eram simples e coloridos, atraentes: bolas, latas com tampas para que os bebês tentassem fechá-las ou tentarem abri-las, baldinhos para colocarem brinquedos menores, tais como: chocalhos, bonecas de panos, e bacias para que crianças entrem, subam e empurrem. Tudo deve ser oferecido de maneira adequada, por exemplo, os brinquedos devem ficar onde o bebê possa pega-los, para que aprenda a engatinhar ou andar de forma independente, deve haver obstáculos a serem percorridos. (FALK, 2011).

Para isso as salas são livres e as roupas adequadas, pois nesse processo de aprendizado é importante também que se converse com a criança, que músicas sejam oferecidas, porque a música acalma e amplia o vocabulário, sendo que o repertório deve ser escolhido de acordo com a idade de cada criança, e para os bebês, sempre músicas suaves, para que os bebês fiquem calmos (FALK, 2011). É por meio dos objetos e da comunicação que o bebê entra em contato com a cultura.

O que oferece enorme dificuldade para os macacos antropoides não supõem esforço algum da criança: ao pensar, ela não utiliza apenas sua pequena experiência pessoal, mas também a experiência de toda a humanidade, que gradualmente lhe é transmitida pelos adultos. (FALK, 2011, p. 7).

Nesse sentido, desde quando nascem são estimulados pela mãe, o tempo todo a mãe começa com eles estimulando todos os seus sentidos, incentivando em todo o processo de desenvolvimento. Assim, a autora destaca que "[...] mas, para seu desenvolvimento psíquico, para se relacionar com o mundo que a rodeia, a criança não necessita do movimento de apreensão, mas sim do movimento de segurar, que surge com a excitação dos dedos". (MUKHINA, 1996, p.77). Somente a partir do contato oferecido pelo adulto com os elementos da cultura que a criança vai desenvolver suas condições físicas e motoras.

Por isso a importância de manter os brinquedos ao seu alcance, mas não muito próximos, para que o bebê sinta necessidade de se arrastar para buscar esse objeto que está no chão, mas a uma distância considerável para que o bebê se arraste até ele. (FALK, 2011).

[...] a autonomia, a linguagem entre o educador e as crianças, as regras de vida, as atividades em comum, a participação no cuidado com o corpo se realiza dentro do claro marco institucional, anima-nos a pensar a reinvenção da própria instituição, que tem sob sua responsabilidade o cuidado com os pequenos. E desafia-nos a pensar, também, na intervenção doméstica – privada- que em muitas situações, segue entendido as crianças pequeninhas como seres inertes, meros objetos de higienização e alimentação que ‘mais tarde despertarão’. (FALK, 2011, p. 10).

A instituição, no caso a creche, tem que se aprimorar e se adequar para oferecer a essas crianças não só o cuidado com o corpo e alimentação, mas oferecer uma educação de qualidade, com os elementos variados da cultura e também com liberdade e autonomia para que a criança busque apreender de maneira lúdica o que está sendo oferecido a ela. Portanto, a instituição tem que ser reinventada para que isso seja possível, para que não seja um mero depósito de pessoas que às vezes chega a ser desumana, onde crianças são amontoadas como objetos (FALK, 2011). Desta forma,

O reflexo de se arrastar com o apoio na sola do pé tampouco dá lugar ao movimento que permite a criança manter-se por conta própria no espaço. O arrastar autêntico não se origina do empurrão com os pés, mas do movimento com as mãos (MUKHINA. 1995, p 77).

A instituição tem como desafio observar o histórico de cada aluno e trabalhar também com as famílias; porque se não houver um trabalho em conjunto, certamente não terá o máximo resultado, pois em casa será desconstruído tudo o que a criança aprendeu, uma vez que é muito mais fácil e mais rápido dar à criança tudo pronto, do que esperar que ela faça por si mesma. Para a criança desenvolver sua autonomia, o processo é lento porque a criança tem seu tempo de experimentação. (FALK, 2011).

Mas o adulto não pode deixar o bebê livre para se desenvolver e crescer espontaneamente. O desenvolvimento humano só ocorre se houver uma atuação intencional do educador que, mesmo satisfazendo suas necessidades, tem que ser proporcionados a esse bebê vários motivos para crescer com autonomia. Nos vídeos vimos o quanto à criança pode ser livre, sempre com o auxílio de um adulto que lhe ofereça condições adequadas para o seu desenvolvimento (FALK, 2011). Nesse contexto, Emmi Pikler, relata que,

[...] estava convencida de que a criança que pode mover-se com liberdade e sem restrições é mais prudente, já que aprendeu a melhor maneira de cair; enquanto a criança superprotegida e que se move com limitações tem mais riscos de acidente

porque lhes faltam experiências e desconhecem suas próprias capacidades e seus limites. (FALK, 2011, p. 18).

Quando oferecemos à criança liberdade para que ela explore tudo ao seu redor, seu desenvolvimento é visível, pois a criança quando não tem liberdade, são muito protegidas e aprendem a se mover com limitações, os acidentes são frequentes. Essas crianças não sabem como se defender e lhes faltam experiências, são inseguras em relação ao novo, não experimentam novas situações, enquanto que crianças com liberdade pouco se machucam ou ficam doentes. Podemos deixar as crianças livres para se locomoverem e tomarem suas próprias decisões, mas temos que proporcionar condições para tal. (FALK, 2011).

Quando a rotina da creche não possibilita esse espaço, desconsideram a necessidade das aprendizagens para promover o desenvolvimento da criança:

Não há trabalho excessivo, mas não se pode dizer que façam alguma coisa com atenção e cuidado. Não se preocupam com as crianças: as trocas e a alimentação acontecem da forma mais rápida possível, com o menor número de movimento possível e, quando podem, deixam tudo para as amas e pessoal do serviço (FALK, 2011, p. 24).

Dessa perspectiva, a autora observou que foi o fato dos funcionários do orfanato não conhecerem como ocorre o desenvolvimento das crianças fazia com que eles priorizassem apenas os cuidados com a higiene das crianças, só os cuidados básicos, como a higiene e alimentação. Não havia nenhuma preocupação em estimulá-las a desenvolver a fala, a andar, a se alimentar sozinha e na hora do banho, mostrar-lhe as partes do corpo, porque achavam que isso era naturalmente aprendido. (FALK, 2011).

Ainda nos dias de hoje vemos nas escolas tal pensamento assistencialista por parte do cuidador e prática. E, assim, podemos afirmar que incluir o bebê no planejamento escolar é muito difícil para esses profissionais da educação, por considerarem que eles são muito pequenos (FALK, 2011). Por isso, Falk destaca:

Os relatos aqui apresentados – envolvendo a importância das relações, da comunicação, da organização do espaço para contemplar a atividade autônoma dos bebês, a participação das crianças pequeninas na vida que acontece na escola – trazem uma concreticidade para essa discussão que, entre nós, ainda se encontra muito mais no âmbito do discurso do que na esfera de práticas concretas. (FALK, 2011, p. 5).

Os estudos realizados por Emmi Pikler sobre o desenvolvimento da criança em seus primeiros anos de vida e sua participação na escola promoviam seu desejo de ter uma instituição que lhe desse total liberdade para desenvolver sua pesquisa, visando melhorar a

vida dos bebês e dos profissionais que trabalhavam com a Educação direta ou indireta das crianças. As novas práticas adotadas por Emmi Pikler visavam contribuir com a educação dos bebês em todas as instituições que se preocupassem com o desenvolvimento dos mesmos. Sendo assim, as experiências relatadas no livro "Educar os Três Primeiros Anos: a experiência de LÓCZY" contribuem para romper com a concepção de que as crianças não são capazes de se desenvolver com autonomia e, portanto, contribuem também com a formação de professores no processo de humanização da primeira infância. (FALK, 2011).

Em 1946, ano em que foi criado o Instituto, já se pensava em melhorias na Educação dos pequenos, pois as crianças eram tratadas como objeto, que atenção só lhes era oferecida nos momentos de alimentação e de higiene dos bebês, por serem pequenos não tinham liberdade de movimento nem tão pouco recebiam a devida atenção (FALK, 2011). Portanto,

Quando, em 1946, Emmi Pikler foi encarregada de organizar e dirigir o orfanato da sua LÓCZY, propôs-se três objetivos. Entusiasmava-lhe a tarefa de demonstrar, por exemplo, que, mesmo no interior de uma instituição, ainda que fosse mais difícil que em uma família, era possível criar as condições para que os bebês e as crianças pequenas se desenvolvessem favoravelmente, tanto no ponto de vista físico como psíquico. (FALK, 2011, p. 22).

Desta forma, sua experiência visava provar seu sistema de Educação: 1º objetivo: era propor a transformação das condições reais da instituição em um espaço familiar. 2º objetivo: fazer com que os bebês e as crianças pequenas se desenvolvessem tanto no ponto de vista físico, como psíquico. 3º objetivo: era observar o desenvolvimento do bebê e da criança pequena. (FALK, 2011).

Os objetivos citados acima tinham como finalidade a transformação do trabalho prático, ou seja, o dia-a-dia com as crianças e do ambiente onde faria a realização da pesquisa sobre o desenvolvimento psicológico e físico dos bebês e das crianças pequenas. Para isso, seria necessário promover os meios de utilização dos métodos usados para a organização das condições para ensinar os educadores a tratarem as crianças com respeito e atenção (FALK, 2011). Era necessário formar adequadamente os educadores.

Sobre a história do Instituto LÓCZY, a autora explica:

[...] o Instituto Lóczy não é um centro experimental em que as crianças são sujeitos de experimentos. Nunca mudamos seu sistema, nem suas condições de vida por interesse de uma investigação, mesmo que se trate de um curto período de tempo ou de um arranjo temporal, já que, atuando assim, transgredimos nossos próprios princípios no campo do cuidado e da Educação e, ao mesmo tempo, não poderíamos examinar os fenômenos para estudo dos quais as nossas condições oferecem uma possibilidade única. (FALK, 2011, p.30).

O Instituto Lóczy foi pensado e idealizado para que os bebês e as crianças pequenas tivessem seus direitos respeitados e que não fossem tratadas como objetos. Durante a pesquisa, o Instituto teve vários nomes e também o número de vagas teve crescente aumento, pois a quantidade de crianças faria com que o trabalho de monitores e professores fosse de qualidade. (FALK, 2011).

Ainda nesse contexto, a autora descreve que em 1970 o Instituto Lóczy se transformou em Instituto Nacional de Metodologia dos Orfanatos. Até aquele momento, a preocupação era só o desenvolvimento das crianças de lá, mas as pesquisas foram além e puderam contribuir para outros centros, dando suporte profissional e metodológico a outros orfanatos. (FALK, 2011).

Nesse sentido, a pesquisa foi essencial para que outros Orfanatos pudessem ter apoio metodológico para trabalhar no desenvolvimento de suas funções educativas. Eram 43 orfanatos que até aquele momento procuravam o Instituto para se orientarem e o número foi só aumentando, chegaram a ter de 60 a 80 diretores e colaboradores em cursos de aperfeiçoamento (FALK, 2011). E assim,

[...] em cada centro, considera-se importante que a equipe de educadores e os grupos de crianças continuem estáveis e que, entre a educadora e a criança, estabeleça uma verdadeira relação pessoal; que a criança não permaneça inativa em seu berço, que tenha muitas possibilidades de mover-se, de deslocar-se e de brincar. (FALK, 2011, p.32).

O trabalho realizado no Instituto priorizou a liberdade de movimento e a participação da família em todo desenvolvimento das crianças envolvidas, porém a Instituição não fez o acompanhamento das crianças depois da sua saída da instituição, mas as condições das crianças melhoraram muito. (FALK, 2011).

Em visto disso, buscando sempre priorizar a Educação na família, o Instituto Lóczy também preparava a criança para essa relação com a família, seja ela a própria família ou com uma família adotiva, como no caso dos orfanatos. A criança tem que estar segura do ponto de vista afetivo, social, moral e cultural, para que pudesse ser perseverante na exploração do ambiente e que pudesse ser independente, que soubesse desejar e decidir e que pudesse se adequar às exigências que surgissem durante o processo de desenvolvimento perante a sociedade. (FALK, 2011).

Na primeira sessão, pudemos apresentar e analisar uma pesquisa inovadora que, já naquela época, em 1946, foi revolucionária, na qual a pesquisadora Emmi Pikler, mesmo contrariando toda uma sociedade, começou por mudar a educação dos bebês visando a sua

liberdade de movimentos com objetos simples, modificando os ambientes. A liberdade dos bebês é considerada de suma importância para que cresçam com autonomia.

Quando nos propusemos a falar sobre o Instituto é porque sua experiência condizia muito com a nossa realidade, com o interesse que tínhamos em compreender outras formas de nela trabalhar. Ao começar a trabalhar em uma creche municipal, nos aguçou o interesse nos bebês, em saber como melhorar o seu bem-estar, melhorar as condições do espaço, do banho e da alimentação. E também o afeto e a relação com a família, e de como nós, na função de monitora, poderíamos contribuir para o desenvolvimento desses bebês, o que um profissional precisa saber para atender essa faixa etária.

Portanto, na segunda sessão desse trabalho abordamos a formação de profissionais que trabalham com essa etapa da Educação Infantil, quais são os deveres de cada um: do professor, do monitor e dos demais funcionários das creches e dos Centros Educacionais Infantis. Com o objetivo de proporcionar ao bebê uma educação que possa de fato desenvolver todas as suas capacidades.

2 EDUCAÇÃO NO BERCÁRIO: foco na formação dos profissionais

As creches surgiram no Brasil no final do século XIX, mais para atender as mães que trabalhavam de empregadas domésticas, porque aqui o número de mulheres que trabalhavam na indústria ainda era pequeno. Azevedo (2013) considera que as creches surgiram até com a intenção de que o número de operárias aumentasse, ampliando a oferta de mão de obra. Nesse período, as creches eram mais assistencialistas, e visavam somente o cuidado com a alimentação, a higiene e segurança física das crianças enquanto as mães trabalhavam e essas crianças eram atendidas pelas mulheres chamadas de criadeiras ou amas de leite. A autora esclarece que essas mulheres eram extremamente pobres, sem instrução, algumas eram casadas ou escravas. Essas mulheres recebiam para cuidar das crianças abandonadas e, muitas vezes, para não ficar sem receber o salário, elas não declaravam a morte dessas crianças para Santa Casa.

Em 1899 foi criado o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil com os objetivos de

Atender os menores de oito anos, elaborar leis que regulassem a vida e a saúde dos recém-nascidos; regulamentar o serviço das amas de leite, velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender as crianças pobres, doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas; criar maternidades, creches e Jardins de Infância. (KRAMER, 1992, p. 52 apud AZEVEDO, 2013, p. 59-60).

Na década de 1970 é que as creches e pré-escolas tiveram expansão, mas ainda mantendo o caráter existencialista, atendendo os filhos das classes mais pobres. Então, o governo passou a destinar verbas para a merenda escolar, mas em detrimento dos salários dos professores e das condições físicas e materiais das creches. Os movimentos dos educadores passaram a exigir que o governo respeitasse os direitos das crianças e de suas famílias (AZEVEDO, 2013). Desta forma, Kuhlmann Jr (apud AZEVEDO, 2013, p. 64) explica que o movimento dos educadores queria

[...] defender a qualidade do ensino e a culpa de sua queda parecia ser por conta de a escola preocupar-se com a nutrição e não com a educação. É nesse contexto que 'educação' passou a ser vista como oposto de 'assistência'. [...] passou a se defender que as creches - e também a pré-escola que atendia as classes populares - precisavam de um 'projeto educacional'.

As creches começam a deixar o caráter de ser assistencialista e a passam a ter o reconhecimento do atendimento Infantil como parte do sistema Educacional somente no fim da década de 80, pela Constituição de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDB), de 1996. Mesmo assim, não significa que as funções educacionais superaram de fato o caráter assistencialista. (KUHLMANN JUNIOR apud AZEVEDO, 2013, p. 66). E assim,

[...] Kuhlmann Jr. afirma que as creches e pré-escolas existencialistas foram concebidas e difundidas e defendidas como instituições Educacionais, o que invalida a idéia de que elas precisariam deixar de ser assistenciais para se tornarem educacionais. A idéia de que tornar as creches espaços 'educativos' seria imprimir algo 'novo' acabou por se tornar a tônica de formulação de grande número de propostas de atendimento dessa faixa etária nos dias de hoje, ou seja, as propostas se diziam inovadoras pelo fato de deixarem de ser 'assistenciais' para se tornarem 'educativas'.

Ainda hoje podemos observar uma grande divergência entre o cuidar e o educar, pois nas creches as duas funções são divididas, separadas, entre professores e cuidadores, mas a resistência é maior por parte do professor, que diz que não ganha para cuidar dos bebês ou das crianças em si, cuidar no sentido de limpar e alimentar. Já o monitor também resiste, mas quando acontece do professor se ausentar é o monitor que assume a sala. Quando o professor sai de férias a creche funciona normalmente só não têm as aulas e aí que a monitora assume a sala.

No berçário em que trabalhávamos nas ausências do professor eu e minha colega fazíamos normalmente a rotina que o professor tinha todos os dias: contar histórias para os bebês, cantar as musiquinhas, levar os bebês para tomar sol no pátio, as brincadeiras (AZEVEDO, 2013). Quando foi implantado o projeto educacional, para alguns profissionais o cuidado passou a ser menos importante porque a educação passou ser prioridade. Assim, a criança deixou de brincar, de criar seu próprio meio de aprender, com exceção da alimentação os outros cuidados passaram a não ser importantes.

Ainda nesse contexto, Azevedo (2013, p. 66) ressalta que,

Um estudo mais cauteloso e atento das fontes mostra-nos que a história não é bem essa. Ao anunciar o educacional como sendo o 'novo' necessário, afirma-se a 'educação' como o lado do 'bem', e a assistência como o império do 'mal', assim como estabelece uma oposição irreconciliável entre ambas [...]. Não são as instituições que não têm caráter educacional e sim os órgãos públicos da educação, os cursos de pedagogia e as pesquisas educacionais que não se ocupam delas por um longo período.

A partir da década de 1980, foram realizadas algumas mudanças em relação à criança pequena na legislação e documentos oficiais. A Constituição de 1988, O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990; o Encontro Técnico sobre Política de Formação do Professor

da Educação Infantil (1994, AHDB, 1996), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998); e os Referenciais para Formação de Professores (AZEVEDO, 2013). E assim, a partir dessas leis é que a criança passou a ter direito à Educação e também as creches passaram a ser direito das crianças, como espaço educativo, os pais estando trabalhando ou não, sendo obrigação do Estado e Município oferecerem Instituições para essa faixa etária (AZEVEDO, 2013).

[...] desde 1994 foi lançada uma proposta de reformulações na formação de professores da Educação Infantil, entre elas a de oferecer Educação no Brasil. 'Integrar cuidado e Educação' se tornou um slogan na Educação Infantil e teve alcance significativo na área, inclusive nos espaços de atendimento à criança de até 6 anos, mas, infelizmente, apenas enquanto discurso. Foi muito discutido e muito divulgado, mas parece não ter alcançado o devido entendimento por parte dos professores que atuam com crianças. (AZEVEDO, 2013, p. 100).

E assim, tudo funciona só no projeto porque na prática não, o professor ainda tem dificuldade de conciliar cuidado e educar.

Um professor que tem clara intenção educativa da sua tarefa vai perceber a importância de uma ação que, julgada por muitos como sendo apenas cuidado, é também educativa. Numa situação de trocar fralda de uma criança, as palavras que ele proferir para ela ou os gestos dele que a criança observar nessa interação vão significando o mundo para ela, ampliando seu vocabulário, estimulando sua percepção etc. (AZEVEDO, 2013, p.100).

A educação do bebê é diferente das demais crianças. A preocupação neste momento não é se o professor está cuidando ou educando e sim com a importância daquele momento para o desenvolvimento da criança e da intenção educativa que está na ação do profissional. Por isso é importante que o professor e os demais profissionais como as monitoras conheçam tudo sobre os bebês ou as demais crianças. No curso de Pedagogia, os professores recém-formados têm acesso a uma teoria voltada para as duas prioridades que a criança tem: a educação e o cuidado, mas mesmo o curso oferecendo toda uma base sobre esse tipo de educação, muitos dos alunos recém-formados aderem ao sistema das escolas ou CEINFS, que continuam no sistema antigo não respeitando o que aprenderam na Universidade.

Parece-nos óbvio que não se educa uma criança de 6 meses da mesma forma que se educa outra de 4 anos, pois, a educação oferecida a elas tem conteúdo e formas diferenciados de interação com o adulto, vinculados à idade da criança, mas o que não se pode concordar é que continuem fazendo essa divisão de tarefas ao lidar com a mesma criança na instituição, sob pena de se continuar reforçando a existência dessa dicotomia. (AZEVEDO, 2013, p.101).

Quando falamos da educação dos bebês, pensamos que o profissional tem que ter qualificação adequada e uma certa experiência. O bebê precisa de uma estimulação específica por ser muito pequeno, já a criança maior tem mais autonomia. Para o bebê “[...] o cuidado é, portanto, considerado tão importante quanto a educação, pois a professora que cuida, educa, e a que educa, cuida ambas são inerentes a profissão docente na Educação Infantil”. (ASSIS, 2008).

De acordo com Volpato e Mello (2005), o cargo de atendente ou monitora de creche, responsável pelas crianças de quatro meses a seis anos, possui condições adversas em relação à jornada de trabalho. Não havia, e ainda não há, um momento garantido nem horário para que elas pudessem estudar para garantir que as crianças tivessem uma educação de qualidade, como preveem os direitos dessas crianças.

Assim, todas as atendentes de creche enfrentam muitas dificuldades no seu dia-a-dia de trabalho em relação à infraestrutura, como falta de materiais, de espaços físicos adequados, e no desenvolvimento de uma relação de afeto entre criança e adulto. O que vemos nas creches públicas é o despreparo das atendentes, pois muitas não têm experiência para lidar com as crianças, principalmente com os bebês, que requerem mais cuidados e que, se não houver um planejamento, passa-se todo o tempo em função dos cuidados com a higiene e alimentação. Mas, o que vimos anteriormente, quando nos referimos ao Instituto Loczy e à formação dos profissionais que atuavam lá, é que Emmi Pikler preferiu que os funcionários não tivessem nenhuma formação profissional anterior, pois assim eles poderiam ser formados de acordo com o que pesquisa estava propondo. Assim ela analisava o trabalho dos educadoras antes de sua reforma:

O pessoal tem desconfiança. Não há trabalho excessivo, mas não se pode dizer que façam alguma coisa com atenção e cuidado. Não se preocupam com as crianças: as trocas e a alimentação acontecem da forma mais rápida possível, com o menor número de movimento possível e, quando podem, deixam tudo para as amas e pessoal do serviço. Segundo elas, a tarefa das educadoras era o tratamento da roupa, porque é preciso arrumá-las, distribuí-las, contar sempre as peças e tomar nota. Por isso não tem tempo para as crianças. (FALK, 2011, p. 24).

A preocupação denunciada pela pesquisadora era apenas com as necessidades biológicas dos bebês, como arrumar as roupas, dar banho e com a alimentação, por isso todos os funcionários foram trocados e foram formados de acordo com as pesquisadoras. Esses novos funcionários foram instruídos a dar atenção às crianças, principalmente aos bebês, que se sentiam confortáveis enquanto eram atendidas. Já na hora das refeições não era um momento muito agradável as crianças fazem as refeições todas juntas sentadas no chão e os adultos comendo juntos. Porém na creche em que presto serviços as crianças não comem no

ção e as turmas são separadas para fazer as refeições e as monitoras comem depois de servi-las.

[...] no refeitório ou em sala com uma rotina visivelmente caótica ou, quando muito organizada em razão dos adultos. Mesmo os cuidados físicos as crianças não tinham uma Constancia e ocorriam de forma intermitente, não prevista na rotina, exceto nas turmas de berçários, onde os procedimentos de higiene e de alimentação dos bebês ocupam praticamente todo tempo. (VOLPATO; MELLO, 2005, p 730).

Portanto, na rotina elaborada pelo adulto pouco se pensava nas crianças. Os cuidados físicos, como o banho, lavar as mãos antes do lanche, fazer a higiene necessária das crianças maiores tomava todo o tempo das educadoras. Já com a experiência que temos no CEINF, nem isso não era feito adequadamente, por falta de funcionários. Na maioria das vezes, as crianças não tomam banho, e o fato de não haver um planejamento faz com que a organização fique mais difícil e o cuidado com as crianças fica a desejar.

Todas essas constatações desnudam uma rotina não pensada e não planejada, mas que parece ter-se cristalizado ao longo do tempo, como uma sucessão de ações sem sentido, que se tornaram hábito, justificado pelo simples fato de ter sido sempre assim. (VOLPATO; MELLO, 2005, p.730).

Geralmente as rotinas do monitor e do professor são diferenciadas, porque o professor fica com a parte pedagógica e a monitora com os cuidados de higiene e alimentação, as funções nunca se misturam. Portanto, enquanto ficamos nesse impasse de quem faz o que, o desenvolvimento das crianças fica prejudicado. Muitas vezes o acesso à qualificação para esses monitores se torna impossível, porque as funcionárias não podem ser liberadas das suas funções para fazerem cursos de qualificação, uma vez que não tem ninguém para ficar com as crianças enquanto estão fora, e também não são apresentados projetos ou propostas de formação para essas profissionais empregadas na Educação Infantil.

E a rotina não acontece só com as crianças maiores, no berçário acontece igualmente e a situação é ainda mais grave, porque o bebê depende totalmente do adulto. A rotina é sempre do mesmo jeito. Em seu planejamento, o professor não considera a forma como a criança aprende, portanto oferece atividades que não despertam a curiosidade e a participação do bebê. Então, os bebês não participam da aula e confirmam a ideia de que são muito pequenos e não fazem nada. Desse jeito, a educação não oferece aos bebês as possibilidades de desenvolvimento defendidas pela teoria histórico-cultural.

Barbosa e Horn (2001 apud CIRÍACO; ZENERATI, 2015, p. 59) também discutem a relação entre o cuidar e o educar:

Atividades que envolvam o cuidado e a saúde são realizadas diariamente nas instituições de educação infantil e não podem ser consideradas na dimensão descrita de cuidados físicos. A dicotomia, muitas vezes vivida entre cuidar e o educar deve começar a ser desmistificada. Todos os momentos podem ser pedagógicos e de cuidados no trabalho com crianças de 0 a 5 anos. Tudo dependerá da forma como se pensam e se procedem as ações. Ao promovê-las proporcionamos cuidados básicos, ao mesmo tempo em que atentamos para a construção da autonomia, dos conceitos, das habilidades, do conhecimento físico e social.

No entanto, na creche não há tempo para que isso ocorra.

Cabe acrescentar que as atividades planejadas e orientadas pelos adultos são de suma importância e contribuem para o desenvolvimento infantil na medida em que o cuidado com a organização do ambiente favorece e estimula a criança a superar seus limites, assim, o professor pode, por exemplo, em uma atividade de rotina diária como o momento do banho, explorar situações em que instigue o bebê ou a criança pequena a dar seus primeiros passos até o banheiro, o que revela compromisso político e social do educador no sentido de contribuir para uma educação que visa o desenvolvimento humano (BARBOSA; HORN, 2001 apud CIRÍACO; ZENERATI, 2015, p. 60).

Portanto as atividades na creche visam contribuir com o estímulo do bebê e da criança até no mais corriqueiro dos momentos. De acordo com Barbosa e Horn (2001), durante todas as atividades da creche, o adulto será o mediador entre a criança e a exploração do ambiente que precisa se apresentar como sendo agradável e seguro para que o bebê se sinta à vontade para explorá-lo. Quando professor ao prestar esse atendimento ao bebê ele tem que fazer desse momento o mais agradável possível e importante que o bebê se sinta acolhido e acarinhado.

Estabelecer uma relação de afeto, com a criança pequena, torna-se fator primordial, nos momentos de acolhimento, de banho, alimentação e repouso. A cada um desses momentos, a cada experiência vivenciada, o professor ou atendente tem em mãos possibilidades de cuidados que se desdobram em ações educativas de aprendizagem graduável e segura para que o bebê se sinta à vontade para explorá-lo. (AYACHE, 2006 apud CIRÍACO; ZENERATI, 2015, p. 61).

Por isso a rotina tem que ser pensada juntamente com os professores e monitores para que haja um planejamento em comum acordo entre ambos. Não podemos deixar que, por causa das condições precárias em que a educação se encontra, as crianças sejam prejudicadas no seu desenvolvimento.

Diante do exposto, percebemos que o profissional de Educação Infantil ainda busca uma direção e que uma educação de qualidade parece estar em permanente construção. É necessário um movimento político e social para que realmente a educação de qualidade aconteça e isso deve iniciar na formação dos professores, pois é na mudança de perfil da atuação profissional e da identidade docente que conseguiremos avanços significativos da atuação pedagógica na creche (CARVALHO, 2015, p. 07).

O que podemos observar em pesquisas lidas é que os professores de Educação Infantil ainda não estão recebendo a atenção que merecem e esse profissional busca uma atenção por parte dos representantes da educação, mas parece que por serem profissionais que lidam com crianças de zero a seis anos não lhes dão a devida atenção. Essa faixa etária de 0 a 6 anos é quando a criança mais precisa de atenção, é quando ela é inserida na sociedade, é a fase mais importante do seu desenvolvimento motor e psíquico e a fase em que a criança também precisa ter uma educação humanizadora.

No caso dos bebês é ainda mais sério, pois o professor que chega para atender essa faixa etária não tem experiência para lidar com os pequenos e nem o que é preciso para o seu desenvolvimento, até mesmo o monitor às vezes também não tem experiência para lidar com os bebês, acham que é só cuidar. Nos CEINFs e creches não há salas e espaços adequados, o banho é feito o mais rápido possível, a comida na maioria das vezes não tem acompanhamento por nutricionista.

A política de formação de professor, parte integrante das políticas educacionais, vem sendo desenvolvida massivamente, para os professores sem a habilitação devida, para atuação no Ensino Fundamental e Médio, desde a segunda metade do Século XX, conforme programas desenvolvidos pelo Ministério da Educação (CARVALHO, 2015). Todavia,

Todavia para os docentes em exercício no magistério da Educação Infantil a decisão política de se formar o/a professor/a, inicia-se no Século XXI, quando o Ministério da Educação, por meio da Coordenação Geral de Educação Infantil, lança programas destinados aos/às professores/as que já estão atuando em creches e pré-escolas públicas ou redes conveniadas de caráter filantrópico, confessional ou comunitário. (CARVALHO, 2015, p. 29).

São questões ainda demandando mais pesquisas, porém, por qualquer uma das razões, tardiamente, começa-se a pensar na formação de professores para a primeira etapa da Educação Básica, etapa essa de fundamental importância para iniciar o processo de apropriação das qualidades humanas pela criança (CARVALHO, 2015).

Cabe ressaltar que,

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional traz em seu artigo 62 as exigências legais para o exercício do Magistério na Educação Básica a formação em nível superior em Cursos de Licenciatura de Graduação Plena, especificando que para a atuação no magistério para turmas de Educação Infantil, admite-se o ensino médio modalidade normal, todavia essa permissão é relativa, pois, como meta aprovada no Plano Nacional de Educação – 2001-2010 esclarece que a preferência é para os que possuem como titulação o nível superior. (CARVALHO, 2015, p. 29).

E assim, além do nível de formação que vemos na prática não atender às exigências legais, a qualificação também se apresenta deficitária, com a falta de devida articulação entre teoria e prática, com deficiente fundamentação teórica sobre quem é a criança, como ela se desenvolve e como contribuir para que ela possa se apropriar da cultura mais elaborada a fim de desenvolver as máximas qualidades da sua condição humana. A precária formação dos profissionais que trabalham na Educação Infantil faz com que os graves problemas de infraestrutura, tanto no que concerne ao espaço físico como na oferta de materiais para as crianças e condições de trabalho para os docentes, impeçam o desenvolvimento de uma educação realmente humanizada (CARVALHO2015). A educação básica é uma etapa fundamental para iniciar o processo de apropriação que das qualidades humanas, a criança, antes era exigido para se trabalhar com educação infantil somente o magistério que não era uma formação específica com a nova lei de Diretrizes e Bases foi solicitado que os professores nível superior ou seja os cursos tinham que ser de Licenciatura para os professores de educação infantil. (CARVALHO, 2015). Portanto com as atenções voltadas a educação infantil e a capacitação de professores e monitores os cursos de pedagogia e psicologia estão sendo muito procurados, pois, se for ver a creche como centro educacional, a formação é necessária. Dessa forma,

Não é por acaso que a educação da criança pequena foi e continua sendo objeto de inúmeros e intensos debates na área. Nos dias atuais além das vozes femininas – das mães trabalhadoras – gritarem pelo direito a creche para seus filhos; estudos da psicologia, da pedagogia, da neurociência entre outros, corroboram com a causa apontando que os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano e que, portanto, garantir os cuidados e a educação das crianças nessa peculiar fase de desenvolvimento deve ser uma obrigação do Estado, da família e da sociedade. (JOIA, 2015, p.12-13).

Hoje as creches estão mudando a forma de tratar as crianças, os ambientes começam a ser modificados para atenderem de forma mais adequada esses alunos. No entanto,

A hipótese levantada, que se revelou real, é que mudou apenas o aspecto físico da creche, a aparência, hoje no lugar da antiga mobília – berços, quadrados, pequenas mesas e cadeiras – encontram-se tapetes, almofadas, cantos temáticos organizados com brinquedos diversos, mas a concepção de atendimento continua como a de anos atrás, tendo em vista que uma considerável parcela de profissionais que atuam diretamente com as crianças continua leiga e com extensas jornadas de trabalho, não contam com horários de trabalho pedagógicos coletivos e individuais e as práticas continuam cindidas, revelando que as atividades de cuidado não são compreendidas como educativas e ocorrem em paralelo àquelas consideradas ‘educacionais’. (JOIA, 2015, p. 14).

Portanto, na creche em que eu trabalho o espaço não é organizado como se deve pois, para os bebês isso tem que ser feito de maneira diferente porque para o bebê tudo tem estar acessível a ele.

. Concordamos com Ariosi (2015, p. 303) quando considera que

Entendemos que para que essas metas se concretizem é necessário que existam políticas públicas que garantam o aumento do investimento na EI, em especial na creche, com foco na formação dos profissionais da creche. Muitos pesquisadores e educadores defendem a unidade da EI, mas é impossível negar as especificidades destes dois segmentos. As crianças da creche são diferentes das crianças da pré-escola, do ponto de vista das capacidades cognitivas, mas não do direito a qualidade de educação.

Quando um professor recém-formado em Pedagogia chega na instituição para cumprir com seu dever, ele não tem experiência para lidar com os alunos, principalmente com bebês. Considera-se que somente os estágios que fazem parte das disciplinas da universidade não basta para os alunos adquirirem experiências, é necessário o dia-a-dia, o contato direto com os bebês.

Desta forma, defendemos que o profissional de creche carece de uma formação que contemple essas especificidades. Para que o professor da creche trabalhe e desenvolva esse bebê que é competente, poderoso, potente e criativo, segundo Rinaldi (1999), ele precisa de conhecimentos sobre as formas de aprendizagens desta faixa etária, sobre o respeito as necessidades afetivas, sociais, culturais e motoras dos bebês, reconhecendo-os como sujeitos da história e de direito e produtores de cultura. (ARIOSI, 2015, p. 303).

Conhecer as especificidades dos bebês e de suma importância não e porque são pequenos que merecem menos atenção por isso a responsabilidade e maior dependendo do que e ensinando nessa faixa etária de 0 a 3 anos pode acarretar problemas a longo prazo a criança pode ter dificuldades de aprendizado.

Observa-se que a preocupação é maior para a formação do professor que atua com crianças de 0 a 3 anos, pois as teorias e práticas acerca dessa faixa etária ainda são pouco difundidas nos cursos de formação inicial, uma vez que essa etapa da educação passou a ser incorporada recentemente como educação básica. Assim ainda são poucas as publicações no campo educacional da Pedagogia direcionadas aos bebês e crianças pequenas em ambientes coletivos. (SANTOS; HADDAD, 2010 apud ARIOSI, 2015, p. 303).

A creche assistencialista tem como pratica só o cuidar que não são diferencia dos cuidados da família, mas o que se deve ser oferecido e educação que tem como objetivo o desenvolvimento do bebe e da criança.

Percebemos que em virtude do exposto, a prática desenvolvida com os bebês nas instituições não difere das práticas desenvolvidas no interior das famílias, entretanto o atendimento oferecido na creche deve ser diferente. O trabalho da creche deve estar pautado em uma concepção educacional, que garanta ao individuo o apoio afetivo, psíquico, cognitivo e psicomotor e da linguagem necessário ao desenvolvimento pleno do ser humano [...]. Esse cenário indica que o profissional para atuar na creche precisa ter uma formação ampla e sólida, que atenda as especificidades educacionais desta faixa etária, mas quando investigamos nos programas e ações, implementadas pelo governo federal, propostas que contribuíssem para a formação dos profissionais de educação infantil, em especial da creche, verifica-se a inexistência destas ações. (ARIOSI, 2015, p. 304).

O trabalho da creche tem que ser diferenciado sim mas o educacional também portanto conciliar, cuidado e o educar tem ser oferecido de maneira que a criança tenha um desenvolvimento pleno. E que a formação de profissionais e professores tem estar de acordo com as necessidade.

Durante muitos anos os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e sua imaturidade. Porém, nos últimos tempos, as pesquisas vêm demonstrando as inúmeras capacidades dos bebês. Temos cada vez um maior conhecimento acerca da complexidade da sua herança genética, dos seus reflexos, das suas competências sensoriais e, para além das suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição. Os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar. (BARBOSA, 2010, p. 2 apud ARIOSI, 2015, p. 303).

O que podemos observar e os bebes de possuem grande capacidade de aprendizado que não difere em nada as outras crianças maiores. Os nossos estudos só confirmam que a capacidade de desenvolvimento dos bebês e extremamente rápida. Muitas vezes o professor quando chega no berçário ele vem de outras turmas de crianças maiores mesmo que ele tenha uma formação ele não tem essa experiência pra trabalhar com os bebês.

E formação desses profissionais se feita de maneira adequada pode possibilitar mais conforto pra esses bebês fará com que a sua estadia na creche seja menos estressante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi elaborado a partir da Teoria Histórico-Cultural e de nossas vivências como monitora do berçário em uma creche municipal de Paranaíba / MS. Embasadas nessa teoria, pudemos realizar essa pesquisa, tinha como objetivo geral realizar uma revisão bibliográfica, ainda que básica, para compreender, por meio dos estudos teóricos, como ocorre o desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos, faixa etária que caracteriza o berçário, a partir da Teoria Histórico-Cultural, a fim de compreender a importância do desenvolvimento das atividades pedagógicas realizadas nesse espaço educacional.

Seguindo este objetivo, pudemos compreender que, para a Teoria Histórico-Cultural, a criança precisa se apropriação da cultural como que isso acontece? Por meio da família que oferece a base inicial depois a escola com conhecimento teórico onde a criança aprendera a ser pensante e a ter autonomia, também aprende com o adulto a se comportar, a utilizar os instrumentos, a utilizar a linguagem.

Estudando a experiência do Instituto Lócky, compreendemos que a liberdade de movimento e de suma importância para o desenvolvimento do bebe dar-lhe liberdade para escolher, e querer pegar, os objetos e os brinquedos, e se locomover para onde quiser sem o empecilho que o em peça, sempre defendendo que o cuidar e educar andam juntos.

Para isso ocorrer, o espaço do berçário na creche tem que ser planejado e organizado de acordo com as necessidades dos bebes, a Analisamos que, ainda hoje, especialmente na creche em que trabalhamos pouco se da a devida atenção a esse espaço e que tem muito a ser feito.

Em relação à formação dos profissionais que atuam nas creches, desejamos continuar pesquisando este assunto, tão amplo e carente de estudos na nossa realidade, o bebe ainda e a parte menos importante da creche de informação sobre educação dos bebes e como os profissionais monitores, professores e outros que atuam em funções que não são a de professor como as merendeiras as funcionarias da limpeza, mas que não menos importante do que o professor e o monitor pois, também são educadores, embora não tenham nenhuma formação especifica , foram formados para atuar em creches e na educação dos bebes.

Em estudos realizados tivemos alguns teóricos tais como permitiram observar qual e a função do professor e do monitor qual formação devem ter e o que pode ser feito para melhorar a educação dos bebes e da criança de ate 2 anos.

REFERÊNCIAS

- ARIOSI, C. M. F. A Formação de Professores de Creche no Contexto das Políticas Educacionais Contemporâneas: a análise do Relatório de Gestão consolidado no exercício 2014 do Governo Federal. In: VII CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL "Educação Infantil e Resistência: os lugares das infâncias na Educação e nas lutas políticas" **Anais...**, UFSCAR, São Carlos / SP: 2015, p. 290-310. Disponível em <<http://www.copedi.ufscar.br/files/anais/copedi-anais-eixo1.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2016.
- ASSIS, M. S. S. Práticas de cuidado e de educação na instituição de educação infantil: o olhar das professoras. In: ANGOTTI, M. (Org.). **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.
- AZEVEDO, H. H. O. de. Educação infantil e formação de professores: para além da separação cuidar-educar. São Paulo: Unesp, 2013.
- BATISTA, D. A.; LEPRE, R. M.; COSTA, R. C.; KADOOKA, A. O verdadeiro mundo da creche: educar ou prestar assistência? **Colloquium Humanarum**, v.10, n. Especial, jul./Dez, 2013, p.1175-1182.
- CARVALHO, A. M. O. T. Educação infantil, políticas públicas e a formação de professores/as. In: VII CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL "Educação Infantil e Resistência: os lugares das infâncias na Educação e nas lutas políticas" **Anais...**, UFSCAR, São Carlos / SP: 2015, p. 11-25. Disponível em <<http://www.copedi.ufscar.br/files/anais/copedi-anais-eixo1.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2016.
- CIRÍACO, K. T.; ZENERATI, F. R. Professoras da Educação Infantil e os Princípios do Cuidar/Educar na Prática Docente. **Revista Docente**, Belo Horizonte, v.7, n. 2, jul./dez., 2015, p. 56-70.
- FALK, J. (Org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Trad. Suely Amaral Mello. 2. ed. Araraquara, SP: Junqueira e Maria, 2011.
- JOIA, A. Brincando Para Aprender ou Aprender Brincando: A Ludicidade No Cotidiano Da Creche. In: VII CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL "Educação Infantil e Resistência: os lugares das infâncias na Educação e nas lutas políticas" **Anais...**, UFSCAR, São Carlos / SP: 2015, p. 11-25. Disponível em <<http://www.copedi.ufscar.br/files/anais/copedi-anais-eixo1.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2016.
- MELLO, S. A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, v.25, n.1, p.83-104, jan./jun., 2007.
- MERISSE A. Origem das instituições de atendimento à criança: o caso das creches. In: MERISSE, A.; JUSTO, J. S.; ROCHA, L. C. da; VASCONCELOS, M. S. **Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato**. São Paulo (SP): Arte Ciência; 1997.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

PINO, A. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotsky. São Paulo: Cortez, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VOLPATO, C. F.; MELLO, S. A. Trabalho e formação dos educadores de creche em Botucatu: reflexões críticas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 723-745, set./dez. 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Sites Utilizados

EL INSTITUTO LOCZY" Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=jjqjauDD7kA>> Acesso em: 10 maio 2016.

"MOVERSE EN LIBERTAD" Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=YAVLccZRqs8>> Acesso em: 10 maio 2016.

<https://youtu.be/ViNj0EJSVLA>> acesso em: 11/06/2016.